

investigação científica. Os jogos urbanos são a marca da psicogeografia:

Vagar cegamente em Berlim, guiando-se pelo mapa de Londres, ir ao encontro marcado a um lugar pré-determinado na hora exata, porém, sem ninguém o esperando por lá, interações com estranhos, pedir carona quando o transporte público estivesse em greve, andar pelas catacumbas fechadas, plagiar e adulterar obras de arte por colagens, desvio de significados pré-estabelecidos, adotar o mesmo pseudônimo por todos os participantes, excursões às cavernas, procura de “linhas mágicas” formadas por monumentos pré-históricos, performances, sexo grupal público e produção do caos. As ações realizadas são documentadas pelos seus protagonistas [41].

Zonas emocionais não podem ser determinadas simplesmente por condições arquitetônicas ou econômicas. Para os situacionistas, podem ser determinadas num passeio sem rumo: a deriva. Os resultados podem formar a base para uma nova cartografia caracterizada por um total desrespeito pelas práticas tradicionais e habituais.

A produção de mapas psicogeográficos, ou mesmo a introdução de alterações, tais como mais ou menos arbitrária transposição mapas de duas regiões diferentes, pode contribuir a esclarecer certas andanças que não expressam subordinação à aleatoriedade, mas insubordinação completa a influências habituais. Coverley [42] conta que “recentemente um amigo me disse que ele queria conhecer a região de Harz, na Alemanha, enquanto ia seguindo cegamente as instruções de um mapa de Londres”. Para o autor, este tipo de jogo é, obviamente, apenas um começo medíocre em comparação com a construção completa da arquitetura e urbanismo que vai ser um dia dentro do poder de todos.

“Ao demonstrarem a necessidade de unir vida cotidiana e jogo, os situacionistas denunciavam a necessidade de retorno do caráter lúdico às cidades, e se o faziam era por acreditar que o jogo havia sido perdido nos contextos urbanos” [43]. Para Huizinga [44] existe uma terceira função, que se verifica tanto na vida humana como na animal, e é tão importante como o raciocínio e o fabrico de objetos: o jogo. “Creio que, depois de Homo faber, e talvez ao mesmo nível de Homo sapiens, a expressão

Homo ludens merece um lugar em nossa nomenclatura”.

Cartografias como imagens do mundo

Os mapas têm exercido sobre os artistas uma grande fascinação através dos tempos. As formas codificadas de representar os espaços geográficos expressam um ‘ver o mundo’ complexo que abarca o domínio técnico e os conhecimentos científicos – e também os aspectos simbólicos relacionados às formas de organização social. O controle dos conhecimentos envolvidos na arte de cartografar, como observou Bauman apud Bulhões [45] corresponde à necessidade de manipular as incertezas quanto à configuração dos espaços geográficos para garantir sua dominação. Os artistas, em especial a partir da modernidade, quando se desenvolveu mais intensamente a ciência dos mapas, perceberam a riqueza e a complexidade desses mecanismos de representação. Eles foram desafiados por esses novos conhecimentos, inserindo suas imagens e suas obras e lidando com o tipo de pensamento que desenvolviam.

No mundo moderno, a concepção de território esteve na base da formação dos estados nacionais e foi de fundamental importância na estruturação das identidades. Na contemporaneidade, a desterritorialização impôs-se como uma realidade irreversível, seja pelo modo de vida cosmopolita, que se realiza por constantes deslocamentos, seja por um cotidiano marcado pela ação das mídias transacionais, ou, ainda seja pelo consumo que uniformiza padrões de comportamento. A nova ordem econômica e política nacional, apoiada em uma complexa rede de comunicações, possibilitada pelos avanços da tecnologia informatiza, conduz a uma unificação dos espaços, dificultando e mesmo impossibilitando a manutenção das fronteiras tradicionais e dos territórios fechados.

Mapas imaginários e poéticas do lugar

Artistas também criam mapas e percursos individuais, que discutem a pertinência do conceito de cartografia. Essas propostas podem ser tratadas como documentos de trabalho sobre territórios específicos, proporcionando alguns